

Fábio Ortiz Goulart

Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com bolsa financiada pela CAPES (2022-2023). Graduado em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Email: fabioortiz@furg.br

José Andrew Vieira Maio

Graduando em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Email: jendrewvmaio95@gmail.com

Rosângela Fachel de Medeiros

Doutora em Literatura Comparada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

E-mail: rosangelaafachel@gmail.com

Data de submissão: 20/06/2023

Revisão: 27/10/2023

Aprovação: 30/10/2023

Publicação: 15/01/2024

BIXAS EM X-FACTOR: As masculinidades de personagens gays na história em quadrinhos X-Factor (2020-2021)

Resumo: O objetivo do presente texto é refletir sobre a construção imagética das personagens gays na história em quadrinhos *X-Factor* (2020-2021), com roteiro de Leah Williams, arte de David Baldeón, Carlos Gómez, Lucas Werneck e Israel Silva, para pensar como tais masculinidades estão colocadas nesta obra. Para realizar tal reflexão foi necessário pensar a partir de Stuart Hall (2020) como são construídas as identidades culturais, e com Raewyn Connell (2015) a construção de masculinidades subalternas. Como referencial metodológico, optou-se por utilizar o método de Márcia Chico (2020), que refere-se à análise das HQs em três instâncias: estrutural, contextual e qualitativa. Conclui-se o texto com uma breve análise feita de duas personagens (Estrela Polar e Kyle), evocando que elas acabam por reforçar estereótipos hegemônicos de gênero.

Palavras-chaves: Identidade; Estudos de Gênero; Masculinidades.

FAGS IN X-FACTOR: The masculinities of gay characters in the comic book X-Factor (2020-2021)

Abstract: The present text aims to reflect about the imagetic construction of gays characters in the X-Factor's comics (2020-2021), written by Leah Williams, art by David Baldeón, Carlos Gómez, Lucas Werneck and Israel Silva, to discuss about how this masculinities are in these comics. To do that reflection was necessary use the concept of Stuart Hall (2020) about how the cultural identities are constructed, and with Raewyn Connell (2015) the construction of subaltern masculinities. As methodological framework we used the Márcia Chico's method (2020), that was formulated to analyze comics in three steps: structural, contextual and qualitative. We concluded the text with a brief analysis made with two characters (Northstar and Kyle), evoking that they reinforce hegemonic gender stereotypes.

Keywords: Identity; Gender Studies; Masculinities.

1. PALAVRAS INICIAIS

As histórias em quadrinhos (HQs) figuram como uma das produções artísticas mais populares do século XX e XXI (Iannonne; Iannonne, 1994), lidas por diversas pessoas de múltiplas faixas etárias, as HQs fazem parte da grande cultura de massa, permitindo um alto consumo das mesmas, que por consequência acabam por fazer parte da construção de inúmeras identidades mundo afora. A partir desta perspectiva, buscamos no presente texto, abordar as maneiras às quais as personagens de uma história em quadrinhos de uma franquia de super-heróis têm suas masculinidades apresentadas. Para tanto utilizaremos como objeto de análise as personagens Estrela Polar e Kyle Jinadu da HQ X-Factor, escrita por Leah Williams com desenhos de David Baldeón, Carlos Gómez e Lucas Werneck, e cores de Israel Silva. X-Factor faz parte da franquia multimídia X-Men e tem como perfil, desde a publicação do primeiro volume, na década de 1990, de uma história pautada em investigação e mistério de crimes envolvendo mutantes.

O que é masculinidade? Somos levados a compreender que os corpos masculinos, ou seja, os sujeitos que performam masculinidade, possuem atributos como agressividade, não falam sobre seus sentimentos, são heterossexuais, entre outros marcadores físicos e comportamentais (Santos Rodriguez, 2019), a essa masculinidade chamamos de hegemônica, para usar um termo de Raewyn Connell (2003). Tal masculinidade é histórica e geograficamente localizada e prescreve uma norma de ser, um ideal a ser performado. Dessa maneira a masculinidade “foi sendo compreendida como um conjunto de práticas que surgem no bojo da sociedade a partir das diferenças culturais, sociais e biológicas” (Goulart, 2023). Nas palavras de Connell: “as masculinidades são configurações da prática estruturadas pelas relações de gênero. São inerentemente históricas, e se fazem e refazem como um processo político que afeta o equilíbrio de interesses da sociedade e a direção da mudança social” (Connell, 2003, p. 72).

Essa breve explanação nos permite, ao menos em parte, vislumbrar o que seria uma masculinidade subalterna, pois compreendemos que ela está calcada em uma ideia que vá em oposição à

masculinidade hegemônica. Para Connell e James Messerschmidt (2013) apenas uma minoria performa tal modelo de masculinidade, a grande maioria dos homens (em especial os homens transmasculinos) encontram-se à margem de tal modelo. Mesmo que poucos estejam “alocados” em tal padrão, ainda assim ele acaba por constituir parte de nossas identidades e daquilo que podemos vir a ser. As HQs, enquanto produtos culturais, permitem que sejamos afetados por elas e assim elas nos prescrevem modos de ser, tal como artefatos, que nos direcionam, nos limitam e nos agenciam (Goulart, 2021).

2. TEXTO E IMAGEM: Possibilidades de análise

Para este trabalho, buscamos nos debruçar sobre uma análise, ainda que breve, de duas personagens da HQ X-Factor, observando as personagens que a princípio performam masculinidades subalternas, tentando compreender até que ponto tais personagens encontram-se fora da norma. Para início, operamos da seguinte maneira: buscamos aquelas personagens que se enquadram dentro da ideia de masculinidades subalternas e, após este primeiro movimento, utilizamos a metodologia de Márcia Chico (2020), que está dividida em três etapas:

1ª) Análise estrutural: leva em conta aspectos visuais e estéticos da obra (tipografia, palavras, cores, enquadramento, legendas, etc);

2ª) Análise contextual: leva em conta aspectos culturais e históricos da produção da HQ, bem como da narrativa;

3ª) Análise qualitativa: leva em conta os dados recolhidos na análise estrutural e contextual para criar interpretações a partir de recortes específicos.

O uso dessa metodologia faz sentido na medida em que compreendemos a HQ como um produto da cultura que é construído a partir de *backgrounds* sociais, culturais, históricos e econômicos. Para Claus Clüver (2021), as HQs são textos mixmídias, ou seja, compostos por signos complexos em diferentes mídias, e que para fazerem sentido ao receptor devem ser compreendidos de forma interdependente. Logo, o texto e a imagem (e mesmo a ausência destes) das HQs são

complementares e contextualizam a narrativa. Sem a presença de ambos não é possível obter o sentido exposto na materialidade da história em quadrinhos.

Mitchell compreende que

A questão acerca do que as imagens querem não elimina a interpretação dos signos, tudo o que alcança é um deslocamento sutil do alvo da interpretação, uma modificação sutil da imagem que temos das próprias imagens (e talvez dos signos). As chaves para os deslocamentos são: 1) consentir com a ficção constitutiva das imagens como seres “animados”, quase agentes, simulacros de pessoas; e 2) considerar as imagens não como sujeitos soberanos ou espíritos desencarnados, mas como subalternos cujos corpos são marcados pelos estigmas da diferença, que funcionam tanto como médiuns quanto como bodes expiatórios no campo social da visualidade humana. (Mitchell, 2015, p.25).

Quanto à análise qualitativa, utilizamos como suporte os Estudos de Masculinidade, elaborados por Shay de los Santos Rodriguez (2019), Connell e Rebecca Pearse (2015) e Connell e Messerschmidt (2013), bem como a concepção de identidade proposta pelo sociólogo Stuart Hall (2020). A análise se centrará em duas personagens: Estrela Polar e Kyle, um casal gay de dois homens cisgêneros, ambos atuam como personagens recorrentes no elenco da HQ escolhida.

Por se tratar de uma quantidade expressiva de números publicados, nosso enfoque se dará a partir da leitura de três imagens distintas, sem deixar de lado o contexto da HQ das quais tais imagens foram retiradas, e acionaremos, quando necessários, outros números publicados.

3. AS BIXAS DE X-FACTOR

Para o sociólogo Hall (2020), o sujeito moderno encontra-se em um estado de crise identitária, em que não existe uma única identidade a qual tal sujeito pode se referir. Na modernidade o que se tem é a presença de múltiplas identidades, que muitas vezes podem ser contraditórias. Hall explicita que esta crise é causada por mudanças institucionais e estruturais, portanto presente em todas as esferas da vida social. A identidade é

"formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (Hall, 2020, p. 12), ou seja, para o autor, ela é um sempre mutante, em que adquirimos (ou somos levados a adquirir) diferentes formas de formatá-la em diversos momentos de nossa vida.

A partir dessa concepção de identidade proposta por Hall, em conjunto com a metodologia emprestada de Chico, é que faremos a reflexão sobre as masculinidades subalternas das personagens gays da HQ X-Factor.

A partir a primeira etapa metodológica, ou seja, a separação dos personagens que foram relevantes para tal análise, podemos observar que dentre as personagens principais um total de quatro são masculinos, e quatro deles performam, a princípio, uma masculinidade hegemônica (as personagens são: Estrela Polar, Kyle, Daken e Prodígio). Aqui a masculinidade subalterna está representada pela sexualidade das personagens, pois nenhuma delas são heterossexuais (duas bissexuais e duas homossexuais). Como informado anteriormente, Estrela Polar e Kyle formam um casal e serão os objetos de análise deste texto, pois são as únicas personagens gays na HQ. Abaixo iniciaremos uma breve explanação da análise realizada, levando em consideração a metodologia de análise de HQs proposta por Chico (2020).

A nível de esclarecimento, o termo “bixa”, utilizado no título e no subtópico deste texto, se trata de transformar o xingamento opressivo em palavra identitária, de forma a contrariar o sentido pejorativo atrelado a tal léxico. Didier Eribon, ao tratar de palavras ofensivas, nos propõem a pensar sobre o significado do ato de xingar, nas palavras do autor:

"bicha suja" ("sapatona suja") não são expressões quaisquer ditas casualmente. São agressões verbais que deixam marcas na consciência. São traumas mais ou menos violentos que se vivenciam naquele instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (porque timidez, desconforto, vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da ofensa é moldar as relações com as outras pessoas e com o mundo. E, portanto, delinear a personalidade, a subjetividade, o próprio ser da pessoa (Eribon, 2001, p. 29, tradução nossa).

Assim, tomamos a palavra “bixa”, conforme grafia que encontramos por muros e redes sociais afora, não como um xingamento, mas a abraçamos para designar não somente àqueles que nos são iguais, mas também nós mesmos.

3.1. Análise estrutural

A imagem abaixo (Figura 1) mostra Estrela Polar com um controle remoto à mão e a personagem está em frente a um monitor em que é possível observar uma mancha expressiva de sangue. O quadro em questão ocupa a última porção da página, quase como um rodapé. O texto indica a seguinte inscrição: “Et voillà. Proof of death.”



FIGURA 1: Estrela Polar apresenta a prova da morte de Ventania.

Fonte: X-Factor #5.

Na cena, Estrela Polar está apresentando aos Cinco a prova que confirma a morte da personagem Ventania. Os Cinco é um grupo de heróis capazes de ressuscitar outros personagens dos mortos, porém para isso é necessário haver provas de que determinada pessoa de fato morreu. Na imagem acima, Estrela Polar demonstra sua falta de vontade de demonstrar a prova da morte da personagem Ventania, devido ao fato de que os protocolos de ressurreição dos Cinco não aceitam somente o testemunho oral como uma prova concreta. Cabe salientar que Estrela Polar teve anteriormente um desentendimento com tais protocolos, logo após sentiu a morte de sua irmã gêmea, Aurora, ainda que a personagem não tivesse provas concretas de que tal morte tivesse ocorrido. A expressão facial de Estrela Polar indica então esta relação de inimizade que ele estabeleceu com os Cinco. Esta imagem é uma das muitas que demonstra a relação que a personagem estabelece com muitas outras à sua volta, um olhar quase desdenhoso com aqueles ao seu redor.

Na imagem abaixo (Figura 2) é possível ver um pouco da dinâmica de casal de Estrela Polar e Kyle Jinadu. Na cena abaixo, o quadro está na vertical e ocupa um espaço muito pequeno no início da página. O diálogo feito pelas personagens expõe que Estrela Polar está tentando convencer Kyle a provar um pouco de “bush bagel”, na qual Kyle cede dizendo: “I will try a bush bagel. For you.” Em tradução livre significa: “Eu provarei um bush bagel. Por você”.



FIGURA 2: Estrela Polar e Kyle.

Fonte: X-Factor #6.

A relação que ambas as personagens estabelecem entre si demonstra uma proximidade muito grande, os olhares e sorrisos carinhosos trocados nesta cena confirmam isso. Cabe salientar que a cena se passa pela manhã, enquanto o casal e os outros moradores da casa encontram-se à mesa preparando o café da manhã e lidam com a situação com uma grande naturalidade.

Já na cena abaixo (Figura 3), dois personagens, Estrela Polar e Prodígio, estão discutindo sobre a criação de um necrotério no local de moradia - para não soar estranho e mórbido, salientamos que todos os personagens da HQ, à exceção de Kyle, atuam como investigadores de mortes misteriosas, e a presença do necrotério facilitaria as investigações tornado mais ágil o acesso aos cadáveres. Estrela Polar está levitando à frente de Prodígio enquanto pergunta ao garoto se criar o necrotério para estudos dos corpos encontrados é de fato o que ele quer. No quadro ao lado é possível observar Kyle, com o queixo apoiado sobre uma das mãos, enquanto comenta, se referindo à Estrela Polar: “Does he have any idea how much he sounds like a dad right now?”, que em tradução livre significa: “Ele tem alguma ideia de como ele soa como um pai neste momento?”.

cena clássica, presente em diversas obras na história da arte.

A cena à qual nos referimos, pode ser ilustrada pela obra abaixo (Figura 4), de autoria do pintor espanhol Bartolomé Murillo (1617-1682), onde é possível observar duas mulheres, uma ao fundo com um pano sobre o rosto e a outra sobre o parapeito de uma janela. Esta última olha o observador com um sorriso tímido, tal qual Kyle olha para a conversa entre Estrela Polar e Prodígio. Essa forma de observar, com estes olhares e o sorriso tímido, podem indicar certo apreço ou mesmo simpatia à determinada situação ou pessoa. No caso de Kyle, indica admiração, e, em conjunto com o texto do balão, pode indicar um desejo: o de ser pai, junto à Estrela Polar, desejo este que seria parcialmente confirmado posteriormente na HQ *X-Men: the trial of Magneto* #5 (Williams, 2021).

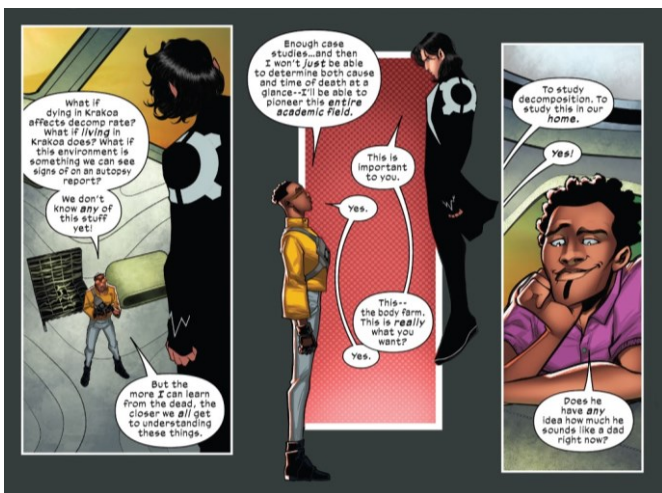


FIGURA 3: Kyle tece comentário sobre Estrela Polar.
 Fonte: X-Factor #6.

Mais uma vez, observa-se o olhar ao qual Kyle direciona à Estrela Polar, se referindo às qualidades paternas que seu marido possui. Além disso, a posição dos braços de Kyle evocam uma



FIGURA 4: Two Women at a Window.

Fonte: Bartolomé Murillo. Two Women at a Window. 1655-1660, óleo sobre tela.²⁰

Ainda na Figura 3, é possível observar a posição de Estrela Polar em relação ao Prodígio. Estrela demonstra certa dominância sobre Prodígio, em parte pode ser justificável pelo papel de liderança que o primeiro exerce sobre o grupo de personagens da HQ, porém não podemos descartar o comentário de Kyle, que estabelece uma relação de pai e filho entre as duas personagens.

3.2. Análise contextual

Como parte da metodologia proposta por Chico (2020), a segunda etapa é a análise contextual, que como o nome sugere, busca realizar a contextualização da obra analisada. Nesse caso, neste tópico vamos explorar um pouco sobre a obra

analisada, bem como a presença das personagens na HQ e uma breve biografia de ambas.

A HQ X-Factor faz parte da franquia multimídia X-Men, lançada em 1963 pela editora norte-americana Marvel Comics. X-Men, em linhas gerais, conta a história de pessoas que nasceram com o Gene X, uma mutação genética que concede superpoderes para seus portadores, tais poderes são ativados durante a puberdade. Para grande parte das pessoas esses poderes poderiam ser considerados uma bênção, se não fosse o preconceito sofrido pelos mutantes por humanos comuns que não os compreendem e os marginalizam. Alguns autores, como Kavadlo (2009), consideram que a condição sofrida pelos mutantes pode ser uma analogia à perseguição e preconceito sofrido pelos autores da obra na década de 1960, pois ambos eram judeus e neste período haviam muitas situações semelhantes ao que os mutantes passavam e a realidade judaica. Posteriormente a franquia vai sendo associada às lutas por direitos civis dos anos 1960 e 1970 (Lund, 2015), e mais recentemente as da comunidade LGBTQIA+ (Goulart, 2023).

O material analisado se destaca por ser a revista contínua da Marvel que, até a presente data, possui a maior diversidade de personagens não heterossexuais entre os seus protagonistas, totalizando quatro personagens (dois bissexuais e dois gays). A revista é escrita pela autora norte-americana Leah Williams, que é assumidamente bissexual, portanto explica a presença massiva de personagens não heterossexuais em sua narrativa. A arte é feita por diferentes artistas, nenhum de origem estadunidense: David Baldeón (espanhol), realizou as artes dos número #1-#3 e 5#-#10; Carlos Gómez (espanhol), responsável pela arte do número #4; Lucas Werneck (brasileiro), responsável pela arte da número #10, em conjunto com Baldeón; e cores de Israel Silva (mexicano), que atuou nos dez volumes da HQ. Da mesma forma que no passado, os X-Men de Lee e Kirby podem ter sofrido influência das vivências dos autores como judeus, o X-Factor de Williams também podem ter das vivências da autora

²⁰ Disponível em: . <https://www.nga.gov/collection/art-object-page.1185.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

como mulher bissexual. Não foi possível saber a sexualidade dos artistas envolvidos na concepção visual das personagens.

Os quadrinhos do gênero super-aventura com personagens LGBTs têm sua explosão na década de 1990. Antes disso, havia nos EUA, o Comics Code Authority (CCA), que impedia as editoras de explorarem temas considerados sensíveis e que possivelmente poderiam ferir a ética familiar norte-americana. Tais temas eram: a homossexualidade, uso de drogas ilícitas, sexo, violência explícita, entre outros. Com a queda do CCA, as editoras receberam um alívio editorial e puderam dar maior vazão às HQs, e passaram a explorar um lado mais adulto de seus personagens. É após esta queda do CCA que Estrela Polar, a personagem aqui analisada, “sai do armário”. Abaixo, explicaremos um pouco sobre as personagens analisadas, para no subtópico seguinte abordar a análise qualitativa com base no referencial adotado.

Estrela Polar: alcunha de Jean-Paul Beaubier, é de origem canadense, nascido em Quebec. Considerado uma das primeiras personagens homossexuais dos quadrinhos de super-heróis, surgiu em 1979 na revista *Alpha Flight*. Seu criador, John Byrne tinha a intenção de que um de seus personagens fosse assumidamente gay, porém devido ao código de ética dos quadrinhos norte-americanos vigente naquele período, Byrne não conseguiu convencer Jim Shooter, editor-chefe da Marvel Comics na época, a apresentar o primeiro personagem homossexual da editora (Byrne, 2004). Estrela Polar se tornaria gay somente em 1992, pelas mãos do escritor Scott Lobdell (em *Alpha Flight* #106). A personagem é um marco nas HQs de super-heróis, pois além de ser uma das primeiras gays da indústria norte-americana dos quadrinhos, ela também foi uma das primeiras a se casar com um outro personagem do mesmo sexo, a saber, Kyle, em história escrita por Marjorie M. Liu na revista *Astonishing X-Men Vol. 3 #51* (2012). Estrela Polar caracteriza-se por ser considerado uma personagem arrogante e em determinadas cenas da HQ é possível ver o personagem salvando seu marido em cenas que lembram muito a clássica imagem da "donzela indefesa" sendo salva pelo herói.

Já Kyle é marido de Estrela Polar e aparece muito na HQ, porém possui pouca importância na narrativa. Sendo o único personagem sem super poderes e sem ser super-herói. Kyle geralmente é tido como uma "donzela em perigo", apresenta traços afeminados, conforme observado na Figura 3. Suas aparições geralmente são vinculadas a momentos não aventureiros, mas sim a momentos domésticos e convívio social, como demonstrado na Figura 2, ou como podemos observar nos números #1, #2, #6, #8 da HQ X-Factor.

3.3. Análise qualitativa

Os quadrinhos, como objetos da cultura, são muito potentes para pensarmos diversas questões, e claro que as questões de gênero não ficam de fora dos olhares - que são múltiplos! - de pesquisadores da nona arte. Natania Nogueira é uma das pesquisadoras que se dedica a estudar os quadrinhos por um viés de gênero. Para ela, na sua visão de historiadora, as HQs são fontes onde se pode acessar a forma como as pessoas pensam, as relações políticas, as ideologias de determinado período histórico, entre outros tópicos (Nogueira, 2015).

Lucas Dalbeto, outro pesquisador das HQs, em colaboração com Oliveira (2014), ao estudar personagens homossexuais nessas narrativas, nos elucidou que “A mídia, como produtora de bens culturais, tem grande influência na produção e reprodução de aspectos do imaginário social e, portanto, constitui um vasto campo de investigações a ser explorado” (Dalbeto; Oliveira, 2014, p. 60). A partir dessas considerações é possível iniciar a nossa análise qualitativa, com base no referencial teórico adotado.

Hall, em seu livro seminal *A identidade cultural na pós-modernidade*, nos apresenta, no primeiro capítulo, a crise da identidade cultural. Para o autor, a crise identitária do sujeito pós-moderno é caracterizada pela “adoção” de múltiplas identidades por um mesmo indivíduo, portanto tais identidades assumidas pelos sujeitos não são únicas, e sim, múltiplas. Uma mesma pessoa, argumenta Hall, pode possuir diferentes identidades, e elas inclusive podem ser “contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2020, p.11).

Reiteramos que a identidade também não é fixa, ela se modifica, se transforma e é interpelada “continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2020, p.11-12). Dessa maneira, a forma como somos representados atua ativamente na formação de nossas identidades, portanto as representações na arte possuem esse poder sobre nós e nossas identidades.

Gênero é um dos recortes das identidades ao qual é possível observar muito claramente nas HQs. Para Connell e Pearse (2015), podemos compreender gênero como “a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (Connell; Pearse, 2015, p.48), em outras palavras, gênero é uma estrutura presente em todas as instâncias sociais, que regula e controla nossos corpos e os locais que eles podem ocupar no espaço social a partir de suas diferenças biológicas, por meio de práticas realizadas dentro da própria sociedade. Isso quer dizer que, ser homem e ser mulher não é igual em todos os lugares, pois o gênero é estruturado por diferentes práticas e concepções a depender da sociedade que o indivíduo faz parte, o mesmo ocorre com a feminilidade e masculinidade (Connell, 2003). Logo, não existe “homem” e “mulher”, e sim maneiras de ser homem e mulher, e as identidades de gênero, não são, portanto, estanques, e estão abertas a mudanças. Por isso, a posição que tomamos é de trabalhar com a ideia de masculinidade, que não necessariamente implica na ideia de “homem”, mas sim na possibilidade de diferentes maneiras de ser masculino.

A masculinidade pode ser explicada nos termos de Santos Rodriguez como

um aglomerado de ideias e atos que em uma sociedade determinada é definido, e também são próprias para aplicar ao ser humano que nasce com um pênis, e assim são atribuídas todas as pautas na economia, na política e na sociedade em geral (Santos Rodriguez, 2019, p.16).

Ainda para o autor,

A masculinidade por si só é dita como um conceito que se entende majoritariamente por atributos como: dominação, força, competição,

controle, segurança, proteção, determinação, etc. A masculinidade hegemônica pertence a uma ideologia que privilegia alguns e desfavorece quem não cumpre as categorias de hegemonia (Santos Rodriguez, 2019, p.17).

Nessa concepção de masculinidade, o que há é a presença de uma pessoa lida socialmente como um homem - por ter um pênis - e por características que evocam atributos de “dominação, força, competição, segurança, proteção, determinação” (Santos Rodriguez, 2019, p.17). Saindo do campo puramente teórico, propomos então abordar logo abaixo um pouco das leituras que fizemos das personagens Estrela Polar e Kyle Jinadu a partir do referencial acima.

Estrela Polar exerce na HQ uma identidade de líder (Fig. 1), mas mais do que isso, ele também possui outras identidades: marido (Fig. 2), Super-herói (Fig. 3), “pai” (Fig.3). Essas outras identidades, vez ou outra atuam no mesmo campo visual, ou seja, aparecem ao mesmo momento no mesmo quadro, atuando em conjunto na mesma cena, corroborando a concepção de Hall que os sujeitos operam mais de uma identidade no mesmo momento de sua vida (Hall, 2020). Destas imagens, um exemplo é a Figura 3, onde é possível observar a figura de “pai”, a de “marido”, a líder e a de super-herói. Os elementos que nos indicam tais possíveis leituras estão no discurso proferido por Kyle (“pai” e “marido”), a identidade de líder é feita com base na posição em que o personagem se encontra no diálogo com Prodígio, flutuando e olhando-o de cima, e por último a de super-herói que também é possível observar na Fig. 3, a partir do seu traje de herói, bem como a utilização de sua habilidade de voar.

Na Fig. 1, Estrela Polar transparece a identidade de líder, ao apresentar para os Cinco, a prova da morte da personagem Ventania, em nome da equipe liderada por ele. O uso do controle remoto, o que lhe permite escolher quais partes são necessárias para provar o crime - elemento da masculinidade relacionada à dominação e a possuir o direito ao discurso. Com relação à Fig. 2, observamos a identidade de marido sendo utilizada novamente. Existe neste quadro a possibilidade interpretativa que beira novamente à dominação,

afinal Estrela Polar foi capaz de convencer Kyle a provar o bagel. O uso da expressão facial na Fig. 2, sugere a dominação, pois Estrela Polar olha seu marido de forma a convencê-lo a provar o bagel, e tal expressão é reforçada pelo discurso verbal da personagem.

Já em relação à Kyle, evoco uma imagem passiva da personagem, pois como ilustrado nas Fig. 2 e 3, a personagem aparece de forma secundária, sempre em referência ao dito ou feito por Estrela Polar. Na Fig. 2, Kyle encontra-se abaixo do marido, mesmo que ambos possuam alturas muito próximas. Kyle então está não abaixo somente na imagem, mas também exerce uma posição passiva no discurso - “Eu provarei o bush bagel. Por você” - as palavras confirmam essa passividade. Já na Fig. 3, Kyle atribui identidades ao marido: a de pai, e claro, a de marido. O personagem ocupa então, conforme comparação com a Fig. 4, uma função contemplativa e não ativa na cena. Kyle contempla o marido e se refere a ele. Vale salientar que o personagem geralmente apresenta trejeitos femininos.

A Fig. 4, que traz a figura feminina na janela, que está com o queixo sobre os braços, conversa com a imagem de Kyle, pois ambos estão em posições muito semelhantes e estão contemplando algo/alguém. Kyle contempla o marido, a figura feminina, o observador. A essa relação, evocamos a noção de *Pathosformeln*, trazido por Ginzburg a partir da leitura feita de Aby Warburg. Ginzburg traz essa noção para pensar que os gestos se tornam repetidos e rememorados, pois são carregados de emoção, tendo significados múltiplos que beiram ao campo religioso. Ginzburg assim comenta os gestos: “era uma força neutra, aberta a interpretações diferentes e mesmo opostas” (Ginzburg, 2014, p.50). Não podemos dizer em que momento as imagens de Kyle na Fig.3 e da figura feminina na Fig.4, se distanciam, afinal não conseguimos saber ao certo a quem a moça do quadro de Murillo está dedicando o seu olhar, porém as duas imagens se associam pelo ato e pelo gesto: o ato de contemplação e o gesto relaxado e leve da mão segurando o queixo.

Diferentemente do que vemos em personagens coadjuvantes de quadrinhos de super-aventura (como Lois Lane de *Superman* que, por

exemplo, chegou a possuir revista própria), Kyle existe somente em função de Estrela Polar, não tendo destaque. Suas ações, discursos e aparições estão associadas à presença de seu marido, conforme observamos em diferentes passagens dos dez números da HQ (cf. números #1, #2, #6, #8), a exceção são os números #5, no qual Kyle aparece em um pequeno quadro, de costas, conversando com as personagens Prestígio e DJ, e no número #10, no qual aparece acompanhado ao lado de outras personagens (Estrela Polar, inclusive), mas sem fala alguma. Conforme observamos na número #6, a principal preocupação de Kyle é o que seu marido gostaria de comer no jantar. Assim, ele figura como uma personagem subserviente à aparição ou menção de Estrela Polar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens colocadas a nós pela indústria cultural têm forte impacto na construção das nossas identidades e das maneiras como observamos a realidade. Dessa maneira, os quadrinhos *mainstream* ainda que atuem como artefatos importantes em narrativas que envolvem os processos de construção de identidades culturais, também podem atuar no sentido contrário, criando estereótipos sobre os corpos dissidentes, o que impede que seus leitores sejam posicionados diante a singularização desses corpos.

Hoje personagens LGBTs são bem comuns nos quadrinhos *mainstream*, porém observa-se que mesmo uma HQ como X-Factor, que propaga um discurso a favor da diferença, acaba por cair nas armadilhas impostas pelas normas binárias de gênero a partir da presença da personagem Kyle na narrativa, pois é a único personagem sem poderes, além disso possui um papel passivo em suas cenas e trejeitos afeminados, tal representação pode ser compreendida como uma alegoria que atua de forma contrária ao propagado pela HQ. Estrela Polar, por exemplo, atua na perspectiva do “macho alfa”, que lidera, que ocupa uma posição ativa nas suas aparições, e principalmente nas cenas em que aparece com seu marido. Essas imagens, quando postas ao grande público, podem atuar como uma

maneira de reforçar determinados estereótipos de gênero.

A identidade, como pensada por Hall, é reforçada especialmente na figura de Estrela Polar, pois o mesmo herói acaba por adotar diferentes identidades, muitas vezes na mesma cena. É interessante perceber que nem sempre a identidade é adotada pelo indivíduo, mas relegada por outros, como é o caso da evocação da imagem paterna de Estrela Polar por Kyle. Este, por sua vez, performa uma masculinidade subalterna, que está mais próxima de um ideal de feminilidade - passividade, gentileza, temente ao marido -, enquanto Estrela Polar reforça o papel da masculinidade hegemônica - dominância, poder e rispidez (física e discursiva).

Ainda podemos aventar, de forma breve, o fato de Kyle também estar no papel do negro submisso, que está disponível para atender os desejos do homem branco. De forma semelhante, ao interagir com Prodígio, que é um jovem negro, Estrela Polar também exerce certo poder. Dessa maneira, as relações raciais nos parecem, a princípio, presentes nas relações entre as personagens, nos permitindo outras camadas de leitura que deverão ser levadas em conta em momentos oportunos.

Ao fim, consideramos que as personagens analisadas nos permitem observar as diferentes formas como as masculinidades podem ser representadas, tendendo ora para o espectro da hegemonia, ora para a subalternização. E isso depende de fatores como sua posição de destaque na narrativa, ou mesmo de suas construções étnico-raciais, conforme abordamos ao longo do texto.

REFERÊNCIAS

BYRNE, John. Was NorthStar always intended to be a gay character?. **Byrne Robotics FAQ**, 24 de ago. 2004. Disponível em: <https://www.byrnerobotics.com/FAQ/listing.asp?ID=2&T1=Questions+about+Comic+Book+Proj#106>. Acesso em: 25 jun. 2022.

CHICO, Márcia Tavares. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **Cadernos UniFoa**, v.15, n.43, 2020.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], p. 8–23, 2012.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: Universidad Autónoma de Mexico, 2003.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v.21, n.1, p.241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

DALBETO, L. C.; OLIVEIRA, A. P. Reflexos do imaginário social na representação do homossexual nas histórias em quadrinhos. **9a Arte**, São Paulo, v.3, n. 1, p.59-73, 2014.

ERIBON, Didier. El choque de la injuria. In: ERIBON, Didier. **Reflexiones sobre la cuestión gay**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001. p.29-31.

GINZBURG, Carlo. “Seu país precisa de você”: um estudo de caso em iconografia política. In: GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência terror: quatro ensaios de iconografia política**: São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.40-70.

GOULART, Fábio Ortiz. **A Morte gótica: a arqueologia nas histórias em quadrinhos**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Arqueologia) - Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, 2021.

GOULART, Fábio Ortiz. **Supermachos: as masculinidades em New X-Men (2001-2004)**, de Grant Morrison. 2023. Dissertação (mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

IANNONE, L. R.; IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

KAVADLO, Jesse. X-Men x-istenciais: judeus, super-homens e a literatura da luta. In: HOUSEL, Rebecca; WISNEWSKI, J. Jeremy (orgs.). **X-Men e a filosofia**: visão surpreendente e argumento fabuloso no xverso mutante. São Paulo: Madras, 2009. p.49-59.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem?. In: ALLOA, Emmanuel. (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p.165-189.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **As representações femininas nas histórias em quadrinhos norte-americanas**: June Turpé Mills e sua Miss Fury (1941-1952). 2015. Dissertação de mestrado (Mestrado História) - Universidade Salgado de Oliveira, 2015.

SANTOS RODRIGUEZ, Shay de los. **Se eu comprei, então é meu!**: coisa do cotidiano e prazer sexual para além da heteronormatividade. Rio Grande: CLP, 2019.

WILLIAMS, Leah. **X-Factor**. 10 vol. New York: Marvel Comics, 2020-2021.

WILLIAMS, Leah. **X-Men**: the trial of Magneto #5. New York: Marvel Comics, 2021.

Como citar este artigo:

GOULART, Fábio Ortiz; MAIO, José Andrew Vieira; MEDEIROS, Rosângela Fachel de. Bixas à sarjeta: as masculinidades de personagens gays na história em quadrinhos X-Factor (2020-2021). **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.5, n.9, jul.-dez. 2023. p. 81-91.